

O marquez de Pombal e a sua epoca

Damos hoje um interessantissimo excerpto do livro que tem aquelle titulo e que acaba de sahir dos prelos da Livraria Classica Editora de A. M. Teixeira & C.^{ta}. Firma-o o nome do sr. João Lucio de Azevedo que n'um livro anterior: *Os Jesuitas no Grão Pará*, tinha revelado subida competencia para este genero de trabalhos historicos.

O marquez de Pombal é um volume precioso, aquelle sem duvida em que hoje mais e melhor documentada se encontra a vida politica, diplomatica, estadística do grande marquez. É um trabalho condensado em cerca de quinhentas paginas, consciencioso, honesto, util, repassado aqui e alli de uma critica individual toda deduzida dos factos historicos e feita á luz de um criterio imparcial, são e justo.

A litteratura e principalmente a Historia Portugueza prestou-o auctor um serviço que merece mais do que louvores: agradecimentos. Tambem pela nossa parte lhe agradecemos a offerta e a amavel dedicatória do seu livro.

O acabar

I. O marquez de Pombal arguido de concussionario. Accusado de actos de alta traição. De irreverencia e de ter embaraçado o casamento real. Saio do carcere e seu inimigo Encerralodes, José de Seabra volta do exilio. O que se passou com o bispo de Coimbra. — II. Famoso processo da *lesão enormissima*. Apparecem as *Cartas inocenas*. O Desembargo do Paço pronuncia-se sobre o processo. — III. Interrogatorio do marquez por ordem da rainha. A enfermidade. Derradeira e lastimosa scena do inquerito. — IV. Insufficiencia das explicações no interrogatorio. Culpas do visconde de Villa Nova de Cerveira e do conde de S. Lourenço. De Diogo de Mendonça Corte Real. De José de Seabra. Do desembargador Mascarenhas Pacheco. — V. Padecimentos agravados e apprehensões tristes do marquez. Preparar-se a rehabilitação dos Tavoras. Os jesuitas pretendem a sua. Crucianse martyrio do enfermo. — VI. A rainha pronuncia a condemnação de Pombal. Os ultimos dias e a morte.

I

Emquanto o decahido ministro se debatia no exilio contra os multiplos ataques de credores avidos, e as retaliações d'aquelles que, por actos seus de ganancia, se sentiam prejudicados, na corte, proseguia a preparação das represalias politicas, que o desforço pessoal de muitos exigia, e a aversão publica ao tyranno por bem cabida esperava. A grita sobre o despoito, contra quem tantas victimas testemunhavam, juntavam-se apodos de prevaricator, que diziam enriquecido a defraudar o rei e a nação. E as accusações, por infundadas que em parte fossem, e suggeridas, acima de qualquer outra



Auroras

razão, pelo odio, tinham as apparencias a justificar-lhes a sinceridade. A casa sumptuosa de Oeiras; a da rua Formosa e os predios de renda na capital, entre esses as valiosas tercenças, armazens á margem do Tejo, occupados com provenientes do Estado; as quintas de Oeiras e Pombal; em varriss outros logares, mais quintas, terras e casas, entrando na conta os bens do morgado de Carvalho, dis-

putados em vão pelo tio arcepreste ao conde de Athougria, e em que o ministro se fizera investir poucos dias passados da execução d'este ultimo; tudo isso manifestava a opulencia actual do fidalgo, que, mesquinho de consideração e de lavouras, a rainha Mariann de Austria, condoída da sua patricia, mulher d'elle, levantara a secretario de estado, e d'aí ao fastigio do poder e das grandezas.

Com tantos bens patentes a denunciarem a riqueza, intimado a solver dividas de longa data, invocava a estreiteza de cabedal. Com isto se pensou que teria dinheiro occulto. Corria que nos bancos de Hollanda, por intermedio de seus protegidos, os contratadores, ha-



Antonio Julio de Sousa

*Distincto militar e funcionario dos correios e telegraphos
ha pouco fallecido em Coimbra na avançada idade de 83 annos*

via depositado milhões. De offendas e concussões que lhe attribuiam, diziam-se extranhas coisas; eram as quantias fabulosas. Só da Companhia dos Vinhos, a 13200 réis de cada pipa, em setenta mil que ella vendia por anno, cabiam-lhe 210 mil cruzados. Em 1772, allegavam, já a verba attingira 1-650 contos de réis. Na quinta de Pombal, e casas de clientes de Carvalho, fizeram-se buscas. Elle, do seu retiro, moteja dos «thesouros de moura encantada, que supuzeram mandados para Hollanda, que fingiram enterrados e descobertos»¹. E diz, com desdem, dos que em thesouros falavam: «Tomaram para assumpto o erario real, o contrato dos diamantes, o dos tabacos, e a companhia do Douro, parecendo-lhes que era impossivel que eu deixasse de ter mettido n'aquelles ricos cofres os meus até aos cotovelos.» Em seguida, com amargura: «Se lhes deixei os logares, não havia motivo para me atacarem com o objecto de succederem n'elles»².

Sob o peso de imputações tão graves, cumpria-lhe lillibar-se perante a rainha, talvez primeiramente ante os filhos, julgadores que, para as almas em que existe um lampejo de nobreza, foram sempre os mais temidos. Com esse fim compoz uma *Representação apologetica*, para o conde de Oeiras levar ao paço, e entendendo — dizia — que enquanto se não justificasse na real presenca, não podia apparecer sem pejo na dos filhos, parentes ou amigos». Na representação julga seguir o exemplo do duque de Sully, e provar com a devesa muito mais do que elle a seu respeito provou.³

Todavia, nas confidencias ao conde de Oeiras, é menor a sua tranquillidade, e apparece um receio, porventura rebate de consciencia, que lhe abala a primitiva segurança. «É certissimo que eu, nem do contrato do tabaco, nem dos diamantes recebi um vintem; — maisnavim-no de ter arrematado o do tabaco por menos 250-000 cruzados da oferta que havia, — nem dos livros de administração dos ditos contratos consta que eu d'elles percebesse o menor interesse. Lembra-me, porém, duvidar se havia alguma terceira pessoa que, vendendo fumo aos ditos contratantes, recebesse d'elles consideraveis ganhos de dinheiro, debaixo do falso pretexto de que os recebia para m'os entregar.»⁴ E inquieto, manda indagar, na medida do possivel e com prudencia, o que teriam declarado, no inquerito que a proposito d'isso houvera, os irmãos Caldas, Polycarpo José Machado, Anselmo José da Cruz, Gerardo Wenceslau, que eram os financeiros da confiança do governo, os felizes a quem tocava o lucro dos monopolios, dos rendosos negocios, contra os quaes bradava o povo, e que o ministro patrocinava. O receio seria o proprio que Pombal revelava, ou viria da presumpção, aliás improvavel, de terem os seus amigos indiscretamente trahido algum segredo de mutuos favores?

Na justificação, Pombal expunha longamente o estado da sua fortuna, os meios pelos quaes a tinha adquirido; successão do tio Paulo de Carvalho, fundador do morgado, primeiro homem rico da familia; heranças de dois irmãos; administração rigida, economia constante, rendimentos accumulados por muitos annos; em derradeiro os seus ordenados e as rendas havidas por doações reaes. Das edificações em Lisboa estava devendo parte, e, confessando outras dividas, verifica-se que mais de metade não venciam juros, por benevolencia extranha dos prestadores; dividas de longa data quasi todas, a prestações suaves, e algumas de que elle proprio concordava haver

Assumptos coloniaes

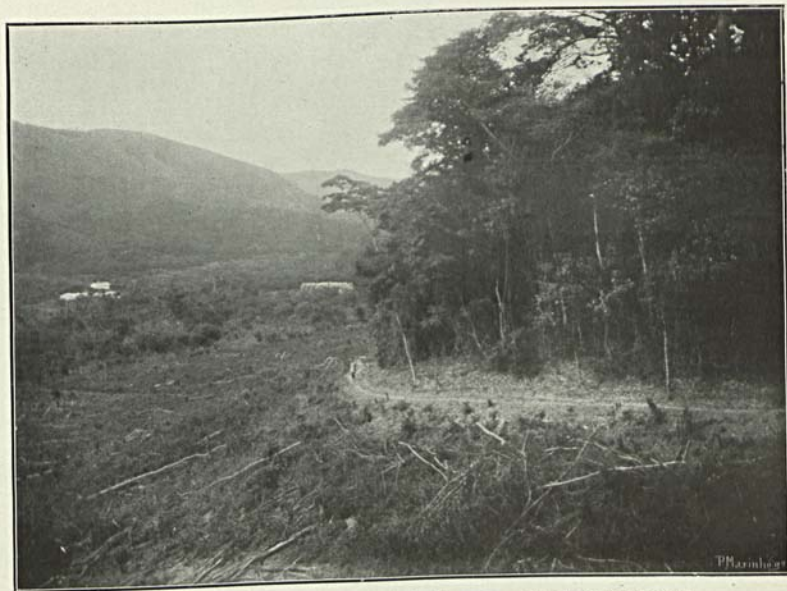
NO GOLUNGO ALTO — Uma visita á fazenda Boa Esperança



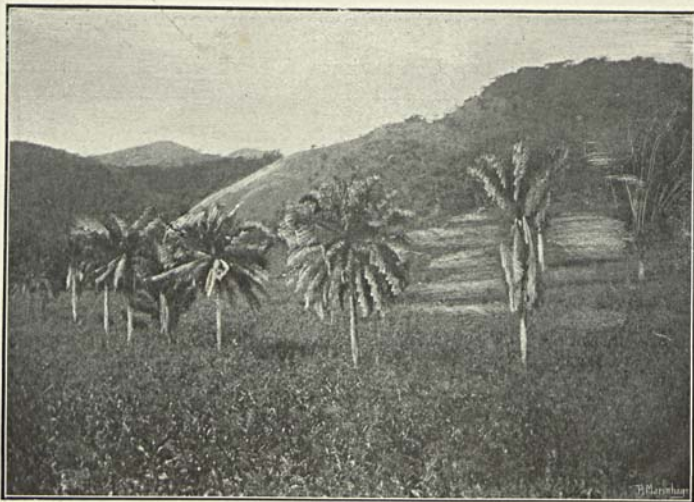
No primeiro plano, da esquerda para a direita:
Desiré Van Nitsen, administrador da fazenda, dr. Antonio da Cruz Rodrigues dos Santos, delegado de saúde do concelho, Jules Everaert, agente de La Luinha, padre José da Costa Senra, parochio do Golungo. No segundo plano: Antonio Corrêa Castanheira, commerciante e correspondente do «Brasil-Portugal»

perdido a lembrança, tamanha fora a liberalidade dos crédores, que no desvalimento agora lh'as vinham reclamar.
 E a faina dos accusadores continuava. Não sómente concussiona-

rio, traidor á patria tambem. Criminavam-no de ter offerecido á Hespanha a cabeça do marquez de Lavradio, vice-rei do Brasil, para obter a paz; de ordenar a entrega da praça de Almeida em 1762, da



No Golungo Alto. — UMA VISITA Á FAZENDA BOA ESPERANÇA — *Aspecto geral da fazenda*



No Golungo Alto. — UMA VISITA À FAZENDA BOA ESPERANÇA — Plantações

ilha de Santa Catharina em 1777.»⁵ D'esta e de outras imputações se defendeu em diferentes apologias, «que tenho escripto — dizia — sobre cada uma das columnas que a ingratiidão e a inveja espalharam contra mim no grande povo de Lisboa depois da minha nunciatura;»⁶ e, ora rebatia os que lhe assacavam a pecha da irreligião e odio ás ordens monasticas, ora replicava aos que o inculpavam de se haver opposto ao casamento do infante D. Pedro. Repellia os ataques em materia de crença, citando factos publicos, que demonstravam a sua devoção, e clamando que «a maior affronta que se pode fazer a um homem christão e honrado é a de o infamarem de irreligioso;»⁷ ou então, no outro assumpto, não menos delicado da inimizade á gente de habito: «Em quasi todas as horas do dia e muitas da noite, se achavam em minha casa alguns religiosos, com os quaes me entretinha nos intervallos das minhas fadigas ministeriaes, parecendo-me que a sua conversação era a mais innocente, a mais instructiva, e a menos arriscada. Poucos dias da semana me assentava á mesa para jantar, sem ter por commensaes, e receber n'ella com grande prazer alguns religiosos graves.»⁸ Com isto acaba de ruir a lenda do livre pensador, — *libertino* se dizia na época, — discípulo de Voltaire e do barão de Holbach, inimigo da Egreja e da crença catholica, porque o era da companhia de Loyola.

Quanto ao casamento, defendia-se atirando com desprante aos seus costumados adversarios a accusação. Os jesuitas é que divulgavam ser o principe impotente, rematando por esconderem a dispensa papal do parentesco, pedida por D. João V. e que em 1760 se foi achar no convento de S. Roque, entre os papeis do padre Carbone,⁹ facto não extrahavel, sendo elle o confidente do soberano, a cuja morte a sua pouco espaço precedeu.

Os fidalgos, que sahiam das masmorras, publicavam que se tinha procurado arrancar-lhes testemunhos contra a rainha viuva e o rei D. Pedro, no sentido de que ella favorecia a politica da Hespanha, e ambos conspiravam contra auctoridade de D. José.¹⁰ Em longo e frouxo arrazoado, mais uma vez respondia, e com estes escriptos, na apparencia dirigidos aos filhos, mas destinados a serem vistos pelas pessoas influentes, pelos ministros e pela rainha, tentava confundir os inimigos, e desviar a tormenta que cada vez mais imminente se annunciava.

Dos degredos distantes, dos ergastulos, onde como em tumulto encerrara tantos adversarios, appareciam, inspirando-lhe terror e raiva, os mais detestados, Encerrabodes, que o alcunhara de Satanaz quando, em 1750, D. José o fizera secretario de estado, e a quem não perdoava o ter-lhe arrebatado a embaixada de Londres, ancião como elle, sahia do carcere para o Desembargo do Paço, e teria, quem sabe? de o julgar algum dia, não remoto, José de Seabra, que voltava do exilio, com honras destinadas a reparar o affrontoso trato que recebera, a injusta demissão e degredo para o mais inhospito sertão de Angola. A esse considerava o mais vil, mais ingrato, mais perdido e mais infame homem, entre os d'estas perdidas qualidades, que se lêem nas historias para escandallo e aviso dos leitores.»¹¹ E o receio que este redidivo lhe inspirava bem se collige das palavras seguintes: «José de Seabra dizem todos que vem desesperado e blas-

phemo... será mais um touro na praça, que marre com os olhos fechados.»¹²
Tambem com inquietação vira ainda restituído á sua diocese, no



No Golungo Alto. — UMA VISITA À FAZENDA BOA ESPERANÇA
Uma rua de palmeiras



No Golungo Alto. — UMA VISITA À FAZENDA BOA ESPERANÇA — Cachoeira do rio Luinha

meio do applauso publico e com reputação de santo, o bispo de Coimbra, cuja liberdade elle proprio tivera de ordenar, horas antes da morte de D. José. Não cabia, porém, o appetite da vingança no coração do prelado, tanto mais que o seu duro perseguidor já perante elle se humilhara. Foi o caso que, andando elle em visita á diocese, chegando a Pombal, o marquez o mandou logo cumprimentar pelo ouvidor, seu dependente, e depois lhe foi em publico pedir a benção, não se pejanando de tributar veneração tal áquelle mesmo que, por inimigo publico, fanático e incapaz do seu ministerio, enviara a perpetuo carcere. A respeitosa demonstração correspondeu o bispo, indo a casa visital-o. O successo causou estrondo em Lisboa, a ponto que o exilado cuidou necessario justificar-se do proceder, que muitos qualificavam de hypocrita. N'este intento, escreveu ao filho a explical-o: «Deves saber que eu fui muito obrigado ao conde de Povollal-o, pae do bispo, e a seu irmão o cardeal Nuno da Cunha. Que tive á maior amizade com o conde Luiz da Cunha, irmão do bispo de Coimbra. Que tive sempre este prelado por um sincerissimo e bo-nissimo pastor... Que tudo isto me fez sentir muito amargamente que o precipitasse no absurdo politico da pastoral, que toda a Mesa

Censoria, toda a Mesa do Desembargo do Paço, e todo o Conselho de Estado, julgaram que o tinha feito réo do crime de lesa-majestade. Que á secretaria de Estado, a que então presidia, só coube a expedição das ordens régias, que el-rei determinou ultimamente no mesmo Conselho de Estado... Que logo que o senhor rei D. José, que Deus chamou ao céu, declarou que lhe perdoava, fui eu o que gostosa e promptamente lhe expedi as ordens de soltura.»¹³ A sahida, finda a visita, Pombal, de passo tremulo, acompanhou o bispo por toda a escada abaixo até entrar na liteira. Chovia fortemente. De cabeça descoberta, na rua, o velho desterrado curvava-se para receber, com a benção de adeus, alguma palavra de conforto d'aquelle a quem perseguira. Não precisava a mansidão do bispo de maior vingança, nem o orgulho de um despota podia ter maior castigo.

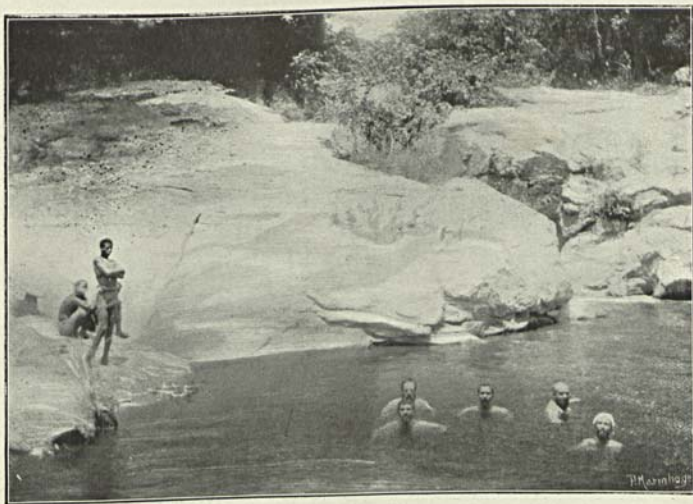
(Continúa).

João Lucio.

¹ 1 Junho 1777.

² 31 maio 1777.

³ Carta ao Morgado de Oliveira, 2 abril 1777. Z. BRANDÃO, Pombal, 60.



No Golungo Alto. — UMA VISITA À FAZENDA BOA ESPERANÇA — Pescaria no rio Luinha



A guerra entre a Hespanha e as tribus do Riff - *Em marcha para reforçar as avançadas hespanholas*

Briand, o sr. Viviani e o sr. Millerand. Ora, que effeito produzirá nas massas puramente republicanas, para não fallar nas outras, um gabinete d'esta feição? E como procederão os socialistas unificados do matiz Guesde com os seus correligionarios no poder, elles que tanto atacaram o sr. Millerand, quando este pela primeira vez foi ministro com Waldeck-Roussou? E como procederá o sr. Jaurès? E qual será a attitude da Confederação Geral do Trabalho?

Tudo isto são pontos de interrogação, que desde já começam a inquietar os amigos do novo presidente do conselho.

Pela primeira vez na Europa é investido no elevado cargo de presidente do conselho de ministros um socialista, sem renegar as suas ideias e declarando que as vai pôr em pratica. A experiencia é curiosa e cheia de ensinamentos, não ha duvida.

Quando tudo em Hespanha parecia tranquillo e socegado, quando nem na politica interna nem na externa da nação vizinha se divisava a mais leve sombra, eis que de repente surge uma crise temerosa de terriveis consequências desde já para o presente, e de sinistros presagios para o futuro.

Foi a aggressão inesperada dos mouros do Riff á praça de Melilla, que deu origem aos serios acontecimentos que a imprensa periodica mais ou menos tem relatado, embora estejamos muito longe, devido á censura, de possuir toda a verdade a respeito do acontecido. Não se sabe tudo o que se passou nem em Melilla nem em Barcelona, mas o que se conhece é bastante para se avaliar a gravidade do succedido.

Em Africa, e não obstante a coragem heroica dos soldados hespanhoes, é indubitavel que a Hespanha soffreu um grave revés. Prova-o o numero de mortos e feridos que os hespanhoes tiveram, sobretudo a impossibilidade em que teem estado de tomar a offensiva, o que representa notavel inferioridade com relação aos mouros. Não ha duvida que com novos reforços os hespanhoes hão de acabar por vencer. Mas a perda de vidas e a colossal despeza com a guerra serão compensadas por quaisquer vantagens que a Hespanha possa alcançar no Riff? Não nos parece.

Enquanto ao acontecido em Barcelona, onde uma verdadeira revolução teve de ser dominada a ferro e a fogo, ainda a sua importancia para a Hespanha é maior. Dado o estado de espirito d'aquella porção da peninsula e os seus sonhos separatistas, tudo o que contribua para augmentar o antagonismo entre a Hespanha e a Catalunha, só pôde ter tristes consequências para a tranquillidade da nação vizinha, que necessita de muito tacto para resolver o problema catalão.

CONSIGLIERI PEDROSO.

O marquez de Pombal e a sua epoca

(Continuação)

II

Estamos chegados á phase critica d'essa lucta derradeira, em que Pombal, finalmente vencido, deixou com vida retalhos palpitanes do seu intimo ser, dilacerado pelas angustias

maiores a que um homem, como elle habituado ao triumpho, poderia ser votado. O celebre pleito, contra elle movido por Galhardo Mendanha, transformou a situação, até ahi comportavel, em que o velho estadista se encontrava, no desfavor da córte, e em restos de prestigio, que tantos annos de incontestada auctoridade lhe prestavam ainda.

Este processo, já de si escandaloso pelos motivos, que o promotor d'elle invocava, mais o ia ser pelo caracter que a defesa assumiu, illudido por interessadas suggestões, segundo pretendia, Mendanha



A guerra entre a Hespanha e as tribus do Riff
O general Marina commandante em chefe do exercito d'operações contra os mouros

Unha comprado ao ditador certas propriedades. Feita melhor averiguação sentiu-se lesado, e recusou o pagamento, de que já dera por conta uma parte. Enfurecido, Pombal fez-lhe cair em cima a tempestade da sua ira. Mendanha, preso por ordem d'elle, andou de cadeia em cadeia até parar em um forte da ilha Terceira. Os tribunaes declararam-no infame de proceder e indigno chefe de familia. Tiraram-lhe a administração dos bens e o patrio poder. Duas filhas, que tinha, foram mettidas em clausura; a um rapaz, menor, deu-se tutor. Na hora da liberdade sahio a victima da prisão clamando pela tor. Queria a venda fraudulosa annullada, punido o tyranno prevaricador. Taes brados, engrossando o côro dos geraes clamores, não faltou quem os attendesse e animasse. A questão, posta em juizo, promettia estrepito, e mais estrepitoso foi pelo impeto da defesa.

Com os agravos pessoas, proprios, introduziu Mendanha no libello os agravos da nação. Pela auctoridade do seu cargo é que Pombal o tinha podido lesar e opprimir; portanto, o que no processo ia debater-se não era o caso particular de Mendanha, mas a causa de um povo inteiro, vinte e sete annos sujeito ás inclemencias de um tyranno sem freio.

O desterrado abençoou a occasião, como a mais oportuna á pu-

blica justificação de seus actos, e entrou a redigir com afan a defesa. Passando em revista a sua administração, desde que fora chamado pela primeira vez á presença de D. José, ia pondo em relevo os mais salientes actos d'ella. O que exprimir em synthese na *Memoria secretissima* da inauguração da estatua, diluía agora na sua prosa difusa, individuando factos, esmiuçando particularidades, contando a tormentosa historia das suas luctas; e, attento a exaltar a sua obra, não o foi menos em despedir golpes aos adversarios, aguçadas frechas aos que o aggreddiam, ultima punhada no rosto aos que na terra dormiam já, ou deslumbrados da luz viva assumavam das prisões.

Expurgado o primitivo borrão dos trechos julgados, pelo patrono da causa, inconvenientes á defesa, Carvalho mandou tirar sete copias, porventura no intuito de, por este começo de publicidade, palpar o sentimento geral e verificar se valeria a pena dar-lhe mais importância por meio do prelo.

Alguns tinham por imprudencia permitir-se o processo que, infamando o ministro, affectava o prestigio do cargo. «E' zelo patriótico — exclamava Pombal — para que não appareça a contestação! E recommendava se puzessem escreventes a *trabalhar de dia e de*

A guerra entre a Hespanha e as tribus do Riff

Alguns dos officiaes mortos nos ultimos combates



1. Capitão Navarro. — 2. Capitão D. Alberto Morris, ajudante do general Marina. — 3. Tenente-coronel D. Frederico Julio Ceballos. — 4. Capitão d'artilheria D. Alfredo Roger. — 5. Primeiro tenente D. Francisco Roca Llobet. — 6. Commandante D. Eduardo Lopez Nuño. — 7. Tenente-coronel D. José Ibañez Mariu. — 8. Coronel D. Venancio Alvarez Cabrera. — 9. Commandante d'artilheria D. José Royo Diego. — 10. Capitão d'artilheria D. Enrique Guilloche Bonet. — 11. Tenente-coronel D. José Ortega Lores. — 12. Tenente Salvador.



Consiglieri Pedroso

Presidente da Sociedade de Geographia de Lisboa

Professor e director do Curso Superior de Letras, conferente e publicista dos mais notáveis, polyglotta, collaborador permanente do Era si-Portugal, Consiglieri Pedroso, eleito ha poucos dias presidente da Sociedade de Geographia, é uma figura de alto relevo na intellectualidade portugueza.

dos tres proceres, citados atraz. Em seguida, para expungir de toda a apparencia de vaidade estas notas, destinadas sem duvida a divulgar-se com as *Cartas*, affirmava, com ar de convicção, que a ninguém illudiria, que os elogios á sua pessoa, as apologias em sua defesa, não tinham sido o fito do opusculo na Inglaterra, mas sim o intento politico de abalar o credito do gabinete no poder, pela demonstração dos seus erros. 7

A modestia, affectada n'estes asseretos, correspondia effectivamente a natural satisfação do homem em todo tempo sensível ao incenso dos louvores, e com dupla razão no momento em que todos os seus actos, os mais defensáveis, os mais dignos de apreço, lhe attrahiam censuras, e se capitalizavam de crimes. Não é licito duvidar do sentimento de vaidade, assaz justo, com que Pombal, ao desapeço da sua rainha, dos seus compatriotas, oppunha a exaltação, que da obra por elle realizada os estrangeiros faziam. Essa satisfação, comtudo, pagou-a por duro preço. Accusaram-no logo de publicar segredos de estado, na unanime convicção de ser elle o auctor das *cartas*, figuradamente escriptas de Lisboa. E observaram que no tempo do seu governo taes delictos não passaram nunca sem castigo. D'este modo se lhe agravou immenso a situação. Na côrte julgou-se desafio a soberba attitude do desterrado. Entre tantos desaffectos, o ministro do reino e da justiça, que lhe succedera nos principaes cargos, era o visconde de Villa Nova de Cerqueira, filho d'aquelle que fóra sua victima, e succumbira num carcere em S. João da Foz. A circumstancia influria certamente na decisão posterior.

Vindo ao Desembargo do Paço o processo de Mendanha, o tribunal, escandalizado com o libelle e com a defesa, mandou supprimir d'os autos essas partes, e destruir as copias todas. Os advogados foram punidos com a prisão e, entre as noveas do palavrado forense, apparece uma vaga insinuação de mais efficazes procedimentos contra Pombal. Este ao ler a notificação do alto tribunal, desdenhosamente lhe chama *parto de montanha, opprobrio de si mesmo*, e para em breve experimentar quantas e quaes grandes mortificações para elle se continham naquella ameaça, primeiramente julgada vã.

III

Cerca de um mez depois, a 9 de outubro, pelas tres horas da tarde, appaream-se á porta do solar, em Pombal, uns cavalleiros. Eram os juizes Luiz da França e Bruno Monteiro, nomeados para a instrução do processo, a que o governo finalmente resolvera submeter o ministro exilado. Informados de que elle, doente, dormia então, insistiram em lhe falar immediatamente, na execução de ordens régias, ao que foi preciso obtemperar; e, introduzidos no quarto, presente a marqueira, leram ao enfermo o decreto relativo ás funções, que iam alli exercer. O marquez ouviu tudo com a tranquillidade do seu grande espirito, refere aquella em carta ao conde de Oeiras. 8 Em seguida vestiu-se, e amparado em dois creados passou á sala, onde os juizes o aguardavam. Ficou a distancia em signal de respeito, e como elles, por deferencia, o chamassem para mais junto, declarou theoreticalmente que em tal caso sentar-se-ia no chão, para assim manifestar a sua veneração á soberana, representada alli pelos magistrados.

Minutos antes, haviam elles tentado acalmar, com palavras de fingida benevolencia, a natural inquietação da marqueira. Luiz da França dizia-se grande amigo de Pombal, e muito seu obrigado. Elle e o seu collega tudo

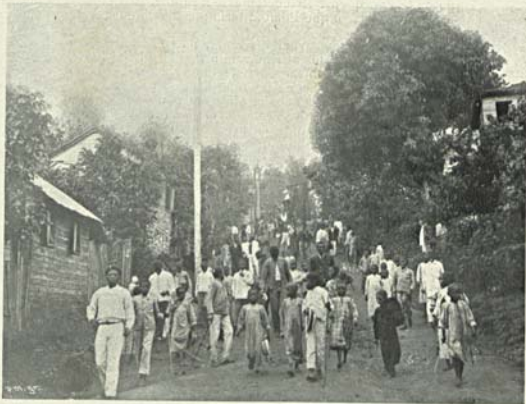
o que fossem attentões lhe haviam de conceder. E com ar de grossa protecção, indiligindo-lhe o recibo de coisas tetricas possíveis, accentuava: «Podem dar graças a Deus por sermos nós, e não outros, que vimos cá!»

Confiante ainda, a triste fidalga esperou, com aciedade, a cada momento mais viva, o termo da demorada conferencia. Duas horas e meia durou este primeiro interrogatorio. D'elle viu sair o marido no abatimento mais profundo. *O grande espirito*, de que o dizia animado, só allá, com seus olhos que lagrimas constantes annueavam, podia vel-o agora, fascinada ainda pelo *quid*, que em Vienna, seis lustros antes, fizera render-se ao gaulão de quarenta e seis annos a joven condessa Daun. O animo de Carvalho abatera no dia em que se lhe fecharam as portas á ambição. Não ha sombra de grandeza nesse homem que, dos annos sobrevividos á queda vingadora, metade passou-os em lamentações e deostos, no xaspero da sua impotente colera; metade, de rojo, em humilhantes supplicas, por temor dos castigos, de que tão prodigo fóra com seus contrarios. Se um momento se ergueu, fazendo rosto á investida, na resposta a Mendanha, breve teve de submeter-se, e a si proprio se renegou, nas tristes confissões que os implacáveis juizes com malevolito gosto recolhiam.

A custo habitará alma magnanima em corpo a desfazer-se em cruel e repugnante enfermidade. Nesse caso se achava então Pombal. As forças physicas esvaíam-se-lhe com atrozes dores em diarrheas, em fluxos hemorrhoidarios, no esvurnar de obstinada furunculose. Prurido intenso fazia-lhe velar as noites em constante inquietação. Para lhe abrandar o martyrio, dois creados, á beira da cama, a toda a hora, coçavam-lhe as pustulas. Sarna Castelhana, denominavam os clinicos a doença. Tratavam-na com caldos de vibora, que se deviam adubar com uma cebola branca, um cravo, uma pitada de canella, cozinha medica affim da feitiçaria medieval. Já se tinha applicado o remedio ao rei D. Pedro II. Era a lepra, e o seu sequito de dores, hedionda e crudelissimo.

Neste lamentavel estado o encontraram os dois magistrados, que, como juiz e escrivão, o vinham interrogar sobre as indiscreções e culpas de lesa-majestade na resposta a Mendanha, e os actos irregulares e despoicos da sua administração. Prolongaram-se os interrogatorios até janeiro, com interrupções, motivadas pela doença. Dia a dia, ao enfermo, com as forças physicas se lhe abatia a moral. Levado, como da primeira vez, a braços pelos creados, á sala onde as audiencias se realisavam, alli *o severo juiz commissario, Luiz da França*, — assim designa ao filho aquelle que na tortura moral das perguntas o attribuava; tristes palavras, que ao mais prevenido desaffecto inspirariam dó! — alli fazia tremor o duro vingador perante quem tantos outros haviam tremido. Naquellas horas de angustia, repetidas muitas vezes, nem um assomo de coragem, para affirmar os seus rancores, nem a lucidez antiga, com que poderia, como politico, justificar as suas violencias. Esmorecido, com horror de si proprio, até não ousa vêr o filho, a quem escrevia, depois de lhe relatar os tormentos do interrogatorio: «Sendo este o meu presente estado, te ordeno positivamente, com autoridade de pae e com affecto de amigo, que de nenhum modo consintas no pensamento de pedir licença para me vir assistir... Tenho por desveladas enfermeiras tua mãe, e duas filhas, que não insperáveis do meu leito; sómente será preciso que as venhas buscar quando eu fallecer» 9.

A 15 de janeiro lindava o inquerito na lastimosa scena, em que o velho ministro, reduzido á ultima fraqueza, ouviu lêr os depoimentos de Oliveira Machado; de Pina Manique; de Antonio Galvão que abria as *cartas* no gabinete negro, e cujo trabalho era a mais ampla materia das proscriptões; de outros que, outr'ora seus instrumentos, o renegavam, articulando que por seu directo mandado haviam feito as violencias e perseguições. Tragico instante esse em que, enredado no trama das capciosas perguntas, abatido em face das contra-



S. Thomé. — Uma procissão na Villa de Sant'Anna

(Clicê da Photographia Africana — S. Thomé).

dilas, sentindo-se alfim perdido. Pombal abdicou de toda a dignidade humana e, perante os juizes attonitos, tomada a voz de soluços, num estertor de angustia, apellou para a régia clemencia, suppliçando perdão, e assentindo nas culpas de que lhe faziam cargo.

D'estas eram as principaes: dizer-se primeiro ministro, quando o não tinha sido; dizer, após a renuncia de seus empregos, que lhe era indeleavel o caracter de ministro, que antes tivera; dizer que aos secretarios de estado se não devem pedir contas do que praticaram em nome do soberano; revelar negocios do estado, que deviam ficar secretos; finalmente conservar as minutas da defesa contra Mendaña, que um decreto mandara supprimir. Tudo relativo ao malfadado processo. Os verdadeiros crimes, as prevaricações, se as houve, as tyrannias, que o nome do rei acobertara, esses seriam de mediocre importancia ao pé d'aquelles outros, com que a facção no poder exprolvara o amor proprio da rainha.

(Continúa.)

João Lucio.

¹ 12 janeiro 1779.

² 22 junho 1779.

³ *Letters from Portugal on the late and present state of that kingdom*, London 1777.

⁴ 4 janeiro 1780. Dmas, 179.

⁵ Bibl. Nac., Coll. Pomb., Cod. 691.

⁶ 17 fevereiro 1778. Col. Pomb., Cod. 691.

⁷ *Compendio historico e analytico do juizo que tenho formado das dezeseite cartas estampadas em Londres, etc.*

⁸ 13 setembro 1779.

⁹ 11 outubro 1779. Coll. Pomb., Cod. 706.

¹⁰ 8 dezembro 1779.

ANECDOTAS

Na rua:

— Meu senhor, uma esmola para a minha pobre tia que não se pode mexer.

— E porque é que não se pôde mexer?

— Porque morreu ha dez annos.

23

Entre amigos:

— Sinto muito a morte do teu bom tio, caro amigo. Tenho idéa de que elle era bastante rico. O que te deixou?

— Não me deixou nada.

— Nada!... Então para que morreu elle?...

24

Criada e ama:

— A senhora despede-me por haver comido duas maçãs?

— Por haver comido apenas uma foram expulsos Adão e Eva do Palraço.

O nome errado

A. D. Brites da Silva.

Quiz escutar a breve melodia,
Leit motiu extranho, evocador —
Seu nome baptismal que eu não sabia.

Passava na memoria: Leonor,
Francesca, Laura, a doce Beatriz
E Julieta — os symbolos do amor.

Mas, ao seu busto altivo só condiz
Um nome singular e caprichoso;
Nome d'artista ou celebrada actriz,

Nome da biblia, austero, magestoso,
Ou de rainha que o seu povo acclama,
Um nome augustó, hysterico, nervoso...

Por isso perguntei «aquella dama
D'olhos escuros, seínoso scio,
E d'esbelto perfil, como se chama?»

E voltei-me, a encobrir o meu enleio,
Como quem fala distraidamente,
Discreto e cauteloso com receio

Que alguém sentisse em minha voz tremente,
Ou na expressão do olhar extasiado,
Que já lhe queria assim perdidamente.

Ouvi então dizer um nome, *errado*,
E exótico, porém de rima linda,
Que no meu coração ficou gravado

Com sua imagem. Hypnotisa ainda
Minha alma que, nas suas vibrações,
Engidias em saudade que não finda,
Amortalhou... erradas illusões!

2-1909

J. de Oliveira Simões.

THEATROS

Trindade, O paiz do vinho, revista em 3 actos e 16 quadros, original de André Brun e Leandro Navarro. — *Rua dos Condes*, A abelha mestra, revista em 3 actos e 9 quadros, de Celestino da Silva.

A *première* de uma revista é ao presente um grande acontecimento no nosso meio theatral. É o genero predilecto de uma grande parte do nosso publico e por isso o mais lucrativo para auctores e emprezarios, que não se cançam, sempre em busca de novas perspectivas, nem se poupam a despezas para satisfazer as

THEATROS. — Trindade — "O paiz do vinho"



(Cliché de J. Benoit).

2.º acto. — Os bonecos de Bordallo

Entre os dois levantou-se accessa mas amigavel discussão sobre as qualidades e excellencias do pão de ló de Margaride (Felgueiras) e de Figueiró dos Vinhos. Cada qual pretendia a proeminencia do pão de ló da sua terra.

Resolveram mandar vir a delicada guloseima e submitter a questão a um jury assim constituido: conselheiro Ferreira do Amaral (presidente), D. Virginia Cabral (esposa do dr. Alexandre Cabral, reitor da Universidade), condessa de Pihnel, D. Maria Brandão e João Baptista de Lima Junior.

Os vogaes deram um voto de confiança ao presidente, conselheiro Ferreira do Amaral, que comeu todo o pão de ló e por fim proferiu o seguinte accordo:

«O jury aberto nas Pedras Salgadas para resolver sobre a comparação do pão de ló de Margaride e o de Figueiró dos Vinhos, em conferencia:

Tendo examinado as peças do processo apresentadas em especie por ambas as partes;

Tendo verificado que todas as formalidades legais foram rigorosamente observadas, sem reclamações nem protestos; e Considerando que ambas as especies foram comidas com prazer;

Declara por unanimidade que o pão de ló de Margaride e o de Figueiró são approvados em *merito absoluto*.

Mas, quanto ao *merito relativo*,

Considerando as qualidades intrinsecas do paladar, a fama e até o proveito de quem o comeu,

Approva por maioria em primeiro logar o pão de ló de Margaride.

Forém:

Attendendo ao arranjo exterior da apresentação, Consigna por unanimidade louvores especiaes ao pão de ló de Figueiró dos Vinhos.

Todavia

Convindo que esta primeira prova seja seguida de outras que a confirmem e corroborem,

Condemna por unanimidade os concorrentes a apresentarem, dentro de um praso razoavel, novas provas do mesmo pão de ló, que será julgado com a mesma solemnidade.

Sem custas.

Cumprase.

Pedras Salgadas, 9 de agosto de 1909.

Ferreira do Amaral
PRESIDENTE.

CAMARA LIMA.

Beijo, reconhecidissimo, as mãos da minha illustre correspondente. E como não sou ingrato, agradeço, também muito penhorado, ao sr. conselheiro Ferreira do Amaral...

- Maria, pozeste agua nova aos peixes encarnados da sala?
— Não, minha senhora: ainda elles não beberam a que lá tinham!

■

- Um grupo rodeia na rua um operario, que caíra de um andaime.
— Morreu? — perguntou um.
— Ainda não; está-se á espera que chegue um medico.

Enterro do general Craveiro Lopes



O primeiro turno, vendo-se entre outras pessoas o Senhor Infante D. Afonso, o sr. conde de Figueiró representante de El-Rei, e os srs. conselheiros Wenceslau de Lima, Barjona de Freitas, Pimentel Pinto, etc.
(Clichs de A. C. Lima).



Enterro do general Craveiro Lopes

A' beira da sepultura — Da esquerda para a direita: os srs. presidente do conselho, conde de Figueiró, marquez de Castello Melhor, o Senhor Infante D. Afonso, conde de Sabugosa, etc.

O marquez de Pombal e a sua epoca

(Continuação)

IV

Nunca um réo de crimes politicos, ministro da vespera, na situação de Carvalho, com as responsabilidades de um reinado, tão miseranda defesa articulou.

Exproubaram-lhe os accusadores o querer tomar a si a gloria dos feitos louvaveis e imputar ao rei as violencias e crueldades. Exilios, prisões, cadafalsos, tudo ordens de D. José. Elle Pombal, quando muito, seria o carrasco, ás vezes compadecido, no serviço do monarcha vingativo e sanguinario. Das forcas do Porto ao incendio da Trafaria, lóra sempre el-rei o mandador. Carvalho, benevol, chegara até a interceder por inimigos seus, como Gonçalo Christovão, parente d'elle, preso por lhe attentar contra a vida. Quem tal acreditara do homem, de quem na época diziam ter cabellos no coração? Apesar d'isso o protegido penou muitos annos no forte da Janqueira. A asserção, como muitas mais do inquerito, tem de ser rejeitada.

Uma a uma, cada victima da sua feroz politica o tinha sido por vontade do rei, ou regular decisão dos juizes. De 1750 a 1759 — dizia Carvalho — era D. José quem tudo determinava. Durante esse tempo, o ministro sómente cuidou das coisas do commercio e da navegação. Foi em 1762, passada a guerra com a Hespanha, que a sua influencia entrou a ser grande. Entretanto o rei continuava a informar-se de tudo. Os espiaes levavam-lhe pessoalmente as participações, de manhã aos seus aposentos, pela tarde ao picadeiro.

Instituido o juizo da Inconfidencia, este é que recebia as denuncias, pronunciava os culpados, ordenava as prisões, sentenciava, e depois entregava o accordo a um dos secretarios de estado, para ser presente ao rei. Extranhas e sinistras coisas revelariam, se viessem á luz hoje, esses processos, em que os réos se não defendiam, e, condemnados, cumpriam sentenças que não tinham jamais ouvido. E então, no processo dos Tavoras, a que presidiu; de Malagrida em que foi denunciante; do genovez Pele em que ditou os procedimentos, veriamos o ministro, por detraz dos espiaes, conjuncto aos juizes, superior ao rei a quem dominava, pôr em movimento elle sósinho o mecanismo atroz das proscriptões.

As declarações que fez no inquerito, subordinadas ao systema de esquivar responsabilidades em actos, que a opinião publica repella, excessiva claridade espargem sobre o mysterio das prisões e castigos, em que foi abundante o terror pombalino. Muitas d'essas violencias occorrem sem processo. Uma ordem real bastava; e — referia Pombal — o monarcha, usando assim de um direito, que as ordenações lhe conferiam, era o proprio a dizer-se o juiz unico, irresponsavel, das prisões que ordenava. Com taes affirmações pensava o ministro illibar-se a si do odioso. Debalde os juizes tentaram penetrar a origem de certos actos de perseguição, que haviam surpreendido, já por inesperados, já pela qualidade das pessoas a quem attinham. As respostas de Carvalho são quasi sempre nebulosas, omissas, e em alguns casos notoriamente oppostas á verdade.

Ao numero d'estes ultimos pertence a prisão do visconde de Villa Nova de Cerveira, camarista de D. José e a do conde de

S. Lourenço, que o foi do infante D. Pedro. Falleceu o primeiro, ao cabo de alguns annos, no castello da Foz; o outro ficou livre no perdão geral por morte de D. José. Nunca os secretos motivos da ruina d'estes dois homens transpiraram. A voz publica ligou o acontecimento ao castigo dos infantes de Palhavá, e ao conflicto em que se dizia fôra ultrajado o primeiro ministro. ¹ O inquerito não confirmou a versão nem desvendou o mysterio; mas não será desrazoado o casamento, realizado dias antes, persuadil-o a pronunciar-se em opposição a Carvalho, e d'ahi lhe resultasse a punição.

Sobre Diogo de Mendonça Côrte Real não se apura muito mais. Este ministro, em casa de quem era costume reprovos os actos do soberano, adoptara — declarou Pombal — a praxe de ir ao despacho a horas descostumadas, evitando a presença dos collegas. Reparou n'isso o rei, e, desconfiando de certos papéis, mandou-os examinar: continham falsidades; logo ordenou a prisão e o desterro do ministro infiel. Assim, em termos vagos, o interrogado explica a desgraça do companheiro, obra sua com certeza. A razão verdadeira ficou, como d'antes, impenetravel.

Outro enigma foi a sorte de José Seabra, confidente intimo, ajudante de Carvalho na secretaria do reino. Tendo exercido tres annos

gindo a herdeira do throno á renuncia da corôa, em proveito de seu filho, o principe da Beira; e decerto o rei, que não amava a D. Pedro, veria sem desgosto a mudança na ordem da successão. Com o principe, em menor idade, e que, rodeado de familiares seus — o bispo Cenaculo, preceptor, o conde de Oeiras, camarista, e outros mais — queria educar na submissão aos seus dictames, e na veneração do seu genio, com esse continuaria a sua politica; ao menos, enquanto vivo fosse, o governo, ambição da qual, reinando a princeza, nenhuma esperanza poderia guardar. Mas Seabra, que era da confidencia, annullou a tentativa, descobrindo o trama á rainha D. Marianna Victoria. D'ahi o imprevisto desfavor, e o castigo; essa a ingratitude e a perfidia, que o protector trahido lhe não perdoava. ²

Personagem menos consideravel, mas que, pelo papel que um instante representou, fez interessar por seu destino os contemporaneos e as pesquisas da historia, foi José de Mascarenhas Pacheco, escriptor da famosa alçada do Porto, em 1757. Galardoado com adiantamentos na sua carreira, indo ao Brazil, em 1760, em missão relativa ao sequestro de bens dos jesuitas, foi encerrado, ao chegar ao Rio de Janeiro, em uma fortaleza, de onde sempre sahia quando tambem para as outras victimas do rigor pombalino raiou a liberdade. D'esta inesperada mudança do favor em castigo, não se soube

Nas Caldas da Rainha

Um almoço elegante no "Eden" da Foz do Arelho



Em pé (da direita para a esquerda): D. Maria Margarida Franco de Machado Santos, José de Castelbranco Ribeiro da Cunha, D. Maria das Dores de Castilho, Viscondessa de Sacacem (D. Mathilde), D. Jorge de Menezes, Visconde de Sacacem (José), D. Josephina de Castelbranco Ribeiro da Cunha, Condessa de Mesquita, D. Augusta de S. Martinho Gonçalves e D. Palmyra Cardoso.

Sentados: Alfredo Abreu, Bartholomeu Perestrello de Mattos, Leopoldo de Sotto Mayor Diniz, D. Marianna de Castilho, Alexandre de Castilho e seu filho, José Manuel Pinto (Sacacem) e Julio de S. Martinho Gonçalves.

este cargo, em janeiro de 1774 foi, por ordem do rei, desterrado da côrte, preso em seguida no castello de S. João do Porto, e transferido depois para as Pedras Negras, n'aquelle tempo o mais inhospito presidio de Angola. Para merecer isso o que fez? Perguntado sobre o facto, o Marquez alheou de si toda a responsabilidade. Seabra era para elle como um filho adoptivo e mediava fazel-o seu successor. Foi o Cardeal da Cunha que, sabendo isso, por inveja lhe preparou a ruina, intrigando-o com o monarcha, por meio de *anecdotes interessantes e criminosas*. Que *anecdotes* fossem não o disse Pombal, referiu apenas que, em seguida a isso, D. José pediu uma relação dos despachos, assignados por Seabra, e dias depois o mandou despedir.

Esta ultima parte, capciosa, descobre a inimizade de Pombal, deixando entender que alguma cousa se encontrou nos despachos, em desabono do ministro ajudante. Nós sabemos em que conceito o tinha aquelle: *o homem mais ingrato, e perfido, e infame*. Se encontros houve do cardeal da Cunha, com certeza a elles não foram extranhas as ingratiões, as perdidias, as infamias, que o primeiro ministro tinha a vingiar; e tudo faz crer a versão, que davam do caso os contemporaneos.

Para obstar á inevitavel reacção contra a sua pessoa, por morte de D. José, imaginara Pombal introduzir no reino a lei salica, coa-

então, não será hoje facil saber-se o motivo. Almas candidas imaginaram ser a expiação das protevias do Porto, mais, se nada justifica a romantica anecdota, as explicações de Pombal, no interrogatorio, não são de mais verosimilhança. Segundo elle disse, José de Mascarenhas delivrou-se na Bahia, no tempo em que lá se encontravam duas esquadras, uma ingleza, a outra franceza; e, como o desembargador, conselheiro ultramarino, personagem de categoria, com representação official, se desvelasse com os francezes em attentões que não dispensava aos inglezes, estes, sempre em rivalidade com a Franca, e além d'isso alliados de Portugal, dando-se por offendidos, destacaram um barco, que trouxe ao reino queixa d'aquelle procedimento. Em razão d'isso, D. José para dar satisfação ao governo britannico, mandara prender o leviano Mascarenhas, conservando-lhe todavia os ordenados. A primeira vista se reconhece que, mesmo sob o regimen pombalino, era excessiva a pena para o delicto.

Qualquer que fosse a causa, o prisioneiro como Seabra, não impuzo nunca ao ministro as suas infelicidades. Voltando do Brazil, foi um dos seus primeiros cuidados ir visual-o ao desterro, dizendo em seguida que «obrigado estava ao Marquez antes da sua prisão, depois da sua prisão e ultimamente em Pombal,» ³ tal foi o acolhimento, que do seu antigo protector recebeu.

Em outros pontos, igualmente obscuros, sobre os quaes o interrogatorio versou, não tiveram os juizes satisfação mais completa. D'esta arte, todas as tentativas para esclarecer os mysterios do rei-

nado, sahiram baldadas. O segredo das inexplicadas violencias ficava com o soberano desaparecido, e com o ministro que em breve ia segui-lo á mansão do eterno segredo.

NAS CALDAS DA RAINHA. — A foudrada do dia 15 de agosto



Um aspecto



Outro aspecto

V

Dia a dia se agravava a enfermidade e declinavam as forças de Carvalho. Os interrogatorios gastavam-lhe o resto da energia, haviam toda a esperança de alívio. Davam-lhe os juizes curto respiro quando prostrado pelo excesso das dores, ou era mais profunda a depressão moral; mas, de dois em dois dias, voltavam por noticias e, desconfiados, chegavam a ir vel-o a cama, para ao primeiro reco-

varem, para onde lhes parecer, a pau e corda, porque não poderei ter outra forma de transporte, no estado em que presentemente me acho».

(Continúa).

João Lucio.

O Principe Alberto de Monaco em Lisboa



Sua Alteza sahindo do templo de S. Vicente onde foi depôr corbas sobre os tumulos de El-Rei D. Carlos (Cliché de J. Benoit), e do Principe D. Luiz Philippe

bro continuarem. O infeliz conheceu então o desespero d'aquelles que, em tanto numero, votara ás gehennas, e no excesso das dores physicas pensou acoso, em taes momentos, padecer tanto como o pretense assassino Pele, dilacerado pelos cavallos, ou José Maria de Tavora, a bramir no eucleo a sua innocencia.

A piedade, que mandava pedir, ninguém lh'a concedia. Em nenhuma parte um amigo, um protector, uma egide. O filho, que na corte exorava contemplação para um velho a debater-se na agonia da doença e na allicção dos mais sensíveis golpes moraes, lastimava-se referindo que a rainha e o rei o receberam *com securo*; e o arcebispo (de Thessalonica, confessor e conselheiro principal de Maria I., o verdadeiro poder do estado), *com desabrimento*; e a propria rainha mãe se limitara a dizer-lhe *que sentia muito achar-se o marquez tão doente*. D'esta ultima, em cuja solicitude puzera toda a esperança, Carvalho era obrigado a reconhecer que *já estava ganhando a extinção dos jesuitas, cujo espirito se lhe introduziu pela educação e convivencia de tantos annos*. O arcebispo e o marquez de Angeja (primeiro ministro), depois de me terem offendido e ultrajado, temem a minha existencia n'este mundo, muito mais do que antes a temiam... Depois, em uma crise de raiva: «Está decidido que entre os conjurados que na minha morte consistirá o seu socego, que sem ella se não poderá contentar o odio e o rancor de não terem assassinado o senhor rei D. José, para ficarem governando como hoje governam, desde a noite de 3 de setembro de 1758.»

A's tristes apprehensões do futuro o conde de Oeiras respondia, buscando tranquillizal-o: «O que sei que é certo é que não resultará outra cousa mais do que amofinar a V. Ex.», e logo em seguida: «Posso affirmar a V. Ex. que tudo isto ficará por aqui.» Como lhe annunciasse que a rainha, finalmente compadecida, ia mandar recolher os juizes, o marquez, incredulo e sempre temeroso, retorquiu: «Pouco importa que cessem as perguntas em Pombal, se a ellas se vae seguir um processo de estado em Lisboa.»

O fatal dia 15 de janeiro, ultimo de inquerito, passara. Então, livre da inquietante presença dos juizes, Carvalho recobra-se um pouco. Inconsciente, no sembl agêo á vida e ao socego, nenhuma humilhação já lhe repugna; volta a ager e a supplicar. Novamente manda solicitar a rainha pelo conde de Oeiras; escreve ao arcebispo confessor, de quem dias antes tanto se agravava, a rogar que por elle interceda, pois que «a rainha não ha de esquecer que é a filha e netta interceda, pois que «a rainha não ha de esquecer que é a filha e netta dos dois reis que tanto e tão distinctamente quaerita annos o honraram no seu real serviço.» Insensível ao traço da scena final como os juizes, n'ella põe a esperanza de salvacão: «A minha ultima resposta dada a José Luiz da Franca, em 15 do corrente, e a carta que acabo de escrever ao arcebispo, poderão pôr um termo a todas as diabruras.» Passageira illusão, que as mesmas angustias do passado breve substituiuam.

Os herdeiros dos Tavoras tinham sahido das prisões publicando a sua innocencia, e, illibados os vivos, tentavam rehabilitar as victimas de Belem. Iniciara-se o processo de revista e esses mortos, que mas de Belem. Iniciara-se o processo de revista e esses mortos, que ameaçavam resurgir das cinzas dispersas, amedrontavam em extremo a Pombal, que já os via a elles sem macula, e se olhava a si proprio culpado na sentença proferida. Já recendo o peor dizia agora: «Eu tambem não receberei grande admiracão de ter aqui uma segunda visita, mais atroz do que a de José Luiz Franca para me le-

¹ Cf. a nota, pag. 272.

² E' de notar que o proprio Seabra parece negar o facto. Ao regressar a Lisboa do degredo, na exposição dirigida a D. Maria I dizia o seguinte: «A voz publica, que não costuma perdoar aos que temo, e menos aos que deixam, o alto logar que o supplicante occupou, clamou pela sua innocencia; e, pela maior parte, ainda fóra de Portugal, se lhe fez o favor de o *crer rão de um crime honrado que o supplicante não commettera*, porque nunca se lhe offereceram circumstancias de ser tal delinquente» Mas logo em seguida como que se contradiz: «...quando, em summa, e esforçando-se o supplicante em se procurar a si mesmo delictos contra o real serviço, chega de algum modo a persuadir-se que não teve outros que os que lhe formou o publico, sendo-lhe favoravel. — De onde se poderá deprender que o trama realmente existia, que o não denunciaria Seabra, mas, suspeito de o fazer, seria punido.

³ Carta do conde de Oeiras ao marquez, 14 junho 1780. Na mesma participa que José Mascarenhas desistira da causa que andava pleteando sobre a quinta de Santorum, em poder de Pombal, por saber o gosto que n'essa propriedade elle tinha.

⁴ Carta ao conde de Oeiras, 5 janeiro 1780.

⁵ Idem, id.

⁶ Idem, 6 janeiro 1780.

⁷ 5 janeiro 1780.

⁸ 18 janeiro 1780.

⁹ 19 janeiro 1780.

¹⁰ 27 maio 1780.

Leis pedagogicas

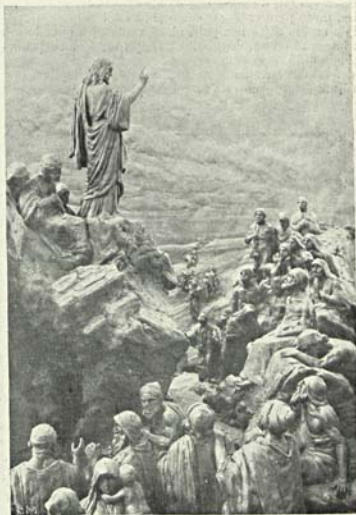
I

A Pedagogia encontra-se e encontrar-se-ha ainda por um largo periodo no estado de verdadeiro empirismo; e não se pode dizer que será systematisada, em quanto a Psychologia experimental não sahir do cahos em que se acha.

Desse estado da Pedagogia resulta a falta de precisão que se nota nas suas leis ou conclusões, mesmo naquellas que maior auctoridade e prestigio conservam.

Poderemos prova lo com algumas das leis mais conhecidas. Tal é por exemplo a *lei da objectivação*, que é costume formular se assim: «O ensino das coisas e dos factos deve ministrar-se em presença

Assumptos religiosos



Christo prégando sobre a montanha

seja que fascina e prende — quer seja o riso alegre e entusiasta da *coquette* que passa, quer o gesto divino, a palavra aveludada ou a elegância extrema da namorada gentil que nos fita.

Adornaram-se com prendas novas, vestiram-se á moda, aristocráticas,



Concurso hippico nas Caldas da Rainha
Francisco Xavier de Almeida n'um dos seus troladores

cratisaram-se, vivem em estufas preciosas ou em jardins encantados, mudando até de nome como convinha á sua nova posição social, ou então, como as dessas rapariguinhas modestas, principiam a sonhar tambem um principe de lenda que as resgatasse e que, de espada nua e de sorriso amoroso nos labios, as levasse nos braços para os salões do seu castello maravilhoso, de cujas ogivas e setteiras se avista o Mar, através do qual partirão as Naus em que elle irá — por ordem do seu Rei e Senhor, conquistar novas almas para a fé e novas terras para a sua Patria muito amada.

Mas emquanto lá fóra, nos valles ensombrados, nas sebes onde cantam melros e nos quintaes onde orgulham fontes, as suas irmãs felizes riem ao sol claro e vibrante das madrugadas lindas, abrindo os labios rubros onde expludem gritos, rasgando os seios immaculados onde se agitam doimas (labios onde as abelhas douradas vão procurar o mel, e almas onde o luar piedoso vai segredar orações) n'esta Lisboa adoravel, as flores morrem quebrantadas á luz do gaz ou á falta de ar puro no cubiculo estreito e velho d'umas aguas-furtadas que a costureirinha bonita e pobre escolheu para cemiterio triste dos seus sonhos de ouro.

Marlo Salgueiro.

O bom senso é o guarda-portão do espirito; o seu officio consiste em não deixar entrar nem sahir as idéas suspeitas.

O marquez de Pombal e a sua epoca

(Continuação)

Os jesuitas, eternos inimigos, emergiam tambem, gasalhados e com a protecção do estado. Dos carcereiros, onde, no longo captivoiro, setenta e um d'elles haviam succumbido, surdiram cincoenta e cinco, a maior parte da torre de S. Juliao. Logo, ao padre Thimoteo de Oliveira, que fóra confessor da rainha, se arbitrou uma pensão de duzentos mil réis, e um subsidio inferior a outros menos graduados. O numero de padres portuguezes, no estado romano, orçava por mil, repartidos por varios alojamentos e districtos. Desde a morte do rei, o governo proveu á sua manutenção, com cem mil cruzados annual-



Concurso hippico nas Caldas da Rainha
A sr.^a D. Maria Luiza de Vasconcellos Alves
e os srs. condes de Fontalva
e Eduardo Maia

mente, e o ministro em Roma prestava-lhes protecção, como aos demais subditos. Na turba dos exilados, estes actos de benevolencia e as noticias, que de Lisboa chegavam, accendiam loucas esperanças de reabilitação e desforra. Corria entre elles, e propagou-se na Europa que, a diligencias de Maria I, o breve da extincção seria revogado. Muitos pensaram em voltar á patria. Partiram seis, por primeiro; e intimados, quando chegaram, a sahir do reino, ficaram, por tacito assentimento das autoridades. Outros foram clandestinamente chegando, mas o maior numero, sem recursos para a viagem, nem meios de subsistencia em Portugal, terminaram a vida nos logares aonde a sahnha do seu perseguidor os tinha arrojado.

Iniciada, a requerimento do marquez de Alorna, um dos resurgidos da Junqueira, a revista do processo dos Tavoras, entenderam os jesuitas que tambem para elles batera a hora da justificação. Em outubro de 1780, entregaram a Pedro III, constante patrono seu, para dar á rainha, um memorial em réplica ás accusações que, por mais de vinte annos, Pombal contra elles proferira. Dois volumes in folio occupa a extensa apologia, destinada a conseguir a annullação do



A sr.^a D. Luiza Moreira de Almeida
(1.^o premio na corrida de amazonas),
esposa de Xavier de Almeida



(Clichs de J. Benoitel). Concurso hippico nas Caldas da Rainha. — As sr.^{as} D. Theresza e D. Emilia de Almeida Bello

decreto de exílio, que abrangia a todos, e a publicação da innocência dos tres socios, que a sentença de 1759 dera por cumplices no attentado contra o rei. Simultaneamente o padre Thimoteo de Oliveira apresentava uma relação de treze artigos, sobre os quaes requeria se interrogasse o ministro no processo. Entre elles: por que motivo não foram os jesuitas, suppostos cumplices na conjuração dos Tavoras, — Malagrida, João de Mattos e João Alexandre — interrogados e acareados com os outros réos? por que motivo, nove annos depois, na *Deducción chronologica*, são iucriminados mais tres — José Perdigão, Jacintho da Costa e Thimoteo de Oliveira — que a sentença não mencionou? por que motivo deixou de se tomar a retratação do duque de Aveiro, que renegou as declarações contra os parentes e contra os jesuitas?

Corria então como certissimo, todavia já-mais se provou, ter o duque affirmado ao defensor, e ao religioso que o confessou, serem-lhe as falsas denuncias extorquidas na agonia dos tratos. Isso mesmo tinha declarado aos juizes, que o não attendem. ¹ D'aqui tiravam a principal defesa, que a rainha de bom grado lhes admitiria. Mas havia a contrasta-las a geral animadversão que, por um passado de insolente predominio, e tantos annos de insistentes accusações, para com elles existia, e com a qual o governo temia defrontar-se. Por outra parte, a corte de Madrid decerto acharia displicente qualquer demonstração de excessivo favor áquelles que havia pouco anniquilara, e já o seu representante, marquez de Almodovar, fizera sobre a especie reclamações. Não se deu por isso seguimento ás supplicas d'aquelles que realmente existiam fora da lei. Pombal podia por este lado ficar tranquillo. Mas as noticias, que lhe transmitiam dos factos, os boatos que em torno d'estes se urdiam, mais lhe acerravam a irritação e o propelliam ao desanimio.

Caminhava no entanto o seu processo. Os juizes ouviam as testemunhas, apreciavam os interrogatorios effectuados em Pombal. As conferencias recebiam-se sem que nada transparecesse das discussões. O accusado, como é de imaginar, contemplava em ancias qual seria a decisão final. «Parece-me — dizia a lastimar-se — cousa insuperavel que no grande numero de ministros que se teem introduzido nas juntas, que ahí dizem que se inventaram para mais me atormentarem, deixe de haver a maior parte d'elles que se lembrem de que ha Deus, de que ha céu e inferno, de que ha honra e reputação, que uma vez perdidas se não podem mais restaurar.»

Entretanto, prolongava-se a expectativa do marquez e do publico, sem que nenhuma resolução viesse a lume. Deixou-se mesmo de falar no processo. O que atrahia as attentões então era a reabilitação dos Tavoras. Decorreu um anno, em que Pombal, nas curtas



Concurso hippico nas Caldas da Rainha

Os campinos que tomaram parte e um d'elles n'um salto

(Cliché de J. Benoitel).



remissões das dôres physicas, descansava arrazoando para o procurador as causas forenses, ainda numerosas, que lhe ameaçavam o patrimonio.

Mas a doença proseguia implacavel, com a tortura na ardência das chagas, e a visivel destruição dos tecidos, nas rubras empôlas a desatarem-se em pús. Cada vez era maior o quebranto das forças. «Presentemente me acho quasi de todo entrevado, sem poder pôr os pés no chão, nem sustentar-me sobre as pernas, mandava dizer no mez de mão. Em outra carta descreve o seu estado: Coberto de pustulas nos pés, pernas e corpo, que me não deixam socegar, com as dôres e comixões que me causam; um carbunculo que me sobreveiu sobre a espadua esquerda, que me não permite estar deitado senão do outro lado; ² tal era o dissolver do misero envulcero d'aquella alma atribulada. Para lhe mudarem a cama, fetida dos soros purulentos e das dejecções mal contidas, tomavam-no os creados a pulso para um canapé. «Em vinte e quatro horas — conta uma testemunha ocular —, poucas vezes temi mais de duas de descanso.» ⁴ Hedidno martyrio, cuja dantesca atrocidade não o suspectou Camillo ao escrever a phrase vingadora: «Morreu impune o marquez, cocando socedadamente a sua lepra». Não! No corpo e na alma, as furias todas dilaceravam a golpes vehementes aquella vida.

Na esperança de allivios pensava o desterrado, em principio da

NAS CALDAS DA RAINHA. — Um torneio de jogo de bola



Cliché da Phot. Parisienne, Caldas.

Os jogadores

Em pé, da direita para a esquerda: — D. Alcira Raposo Botelho, D. Estephania Raposo Botelho, José Estrella, D. Suzanna Horta e Costa, José Perestrello de Mattos, D. Marianna de Castilho, D. Emilia Bello, José de Castelbranco Ribeiro da Cunha, D. Maria da Gloria Horta e Costa, D. Ophelia Raposo Botelho, D. Theza Bello, D. Gabriella Cohen, D. Helena e D. Joanna Cymbrom. Sentados: — Vicente Cymbrom, João Manuel Pinto (Sacavem), Francisco Alvim Caldeira, Emilio Infante da Camara (filho), Alfredo Abreu, Alfredo Anjos (Fontalva), José Infante da Camara, Correia Pereira, Thomaz de Saavedra, Bartholomeu Perestrello de Mattos, D. Jorge de Menezes e Julio de Souza e Vasconcellos Alves. No chão: — O juiz Concelmo da Costa e Leopoldo de Sotto Mayor Diniz.



A princesa Isabel da Belgica no Funchal

Sua Alteza, o dr. Leboeuf e a sua dama de honor a condessa de Sierr, desceram do Monte em carrinho de vias

Referem-se, como os seus filitos indicam, à estada de Sua Alteza e princesa Isabel da Belgica no Funchal as tres gravuras que publicamos. Sua Alteza demorou-se na Madeira desde 29 de julho a 7 de Agosto, deixando com saudade a formosissima ilha.

A illustre princesa, que se acha entre nós, nasceu em 25 de julho de 1876, contando, portanto, 33 annos d'idade completos.

Casou em Munich em 2 d'outubro de 1900 com o principe herdeiro da Belgica, Alberto, nascido em Bruxellas em 8 de Abril de 1875.

D'este matrimonio ha tres filhos: Miguel, nascido em Bruxellas em 1901, Carlos, idem em 1903 e Maria, nascida em Ostende em 1906.

der lhe disse que a devia fazer aos mesmos juizes, que lhe receberam a sua falsa e calumniosa confissão; e o que logo repoz o duque que, entrando Sebastião José poucos dias antes no seu carcere com o escripto, fizera, como era obrigado, a sua retratação; e que ao tempo que o escripto já tinha escripto duas folhas de papel, entrara Pedro Gonçalves Cordeiro, e perguntara: Que é

enfermidade, ir ás Caldas, mas fôr-lhe a autorização negada pelo governo. Agora precisaria fugir de Pombal, covil de febres, que lhe complicavam a fraqueza. Em S. Martinho, perto de Coimbra, tinha posto á disposição d'elle uma quinta da mitra, o bispo D. Francisco de Lemos que, morrendo D. Miguel da Anunciação, reassumira o cargo, exercido durante o seu cativeiro. Era dos ultimos e poucos amigos, que a Carvalho restavam, e ainda o provou quando, em desafio á geral malquerença, não trepidou de lhe honrar as exequias, com a pompa do baculo. Mas a debilidade extrema do doente não permitia o transporte, e as humidas paredes do casarão de Pombal é que até ao fim abafaram os brados das suas coleras e os gemidos das suas dôres.

(Continúa.)

João Lucio.

1 Uma carta de Lisboa, para um jesuita, em outubro de 1785, refere que, na occasião do processo, ainda o procurador dos réos, desembargador Eusebio Tavares, a proferiu, que intimassem o que tinham que allegar em sua defesa, este lhe dissera ter committido o mais enorme e execranda delicto, porque na confissão, que com o meso dos tratos fizera, culpára e infamara aos fidalgos e jesuitas... Tendo ouvido esta protestação, o procurador, que lhe receberam a sua

isto que se está escrevendo? Respondeu Sebastião José: É uma retratação da confissão, que o réo antes tinha feito. — Nada, nada, disse o Cordeiro; tal retratação nada vale, nem deve ser recebida, porque a confissão foi espontanea e não extorquida na tortura. Mens. Journal, cit., XIV, 1787, pag. 306 e 307.

Tudo isto deve ser phantasiado, porque: 1.º, a ser exacto te-lo-in o procurador allegado na defesa, o que não fez; 2.º, embora não conste dos autos, ha toda a probabilidade de ter o duque levado tratos, e a revista da causa dos Tavoras assim o reconhece. Outras incongruências, como por exemplo o dizer tambem a carta que a marquiza nada respondera aos juizes senão que o processo era uma injusta e cruel perseguição á nobreza, quando é certo que ella não foi interrogada, disaudem do credito que se possa querer dar ao informador.

Latino Coelho na Historia politica e militar de Portugal, 1, 366, dá noticia de uma declaração escripta, do religioso fr. Manoel de S. Boaventura, que com outro carmelita assistia aos ultimos momentos do duque, ouvindo da sua boca que só elle, e sem que mais ninguém soubesse do intento, tentara a morte de D. José. Ao historiadór parecem authenticos o papel, que existe na colleção de manuscritos da Academia Real das Sciencias.

2 Carta ao conde de Oeiras, 23 junho 1780.

3 24 maio 1780.

4 Carta do cirurgião Quaglia, Z. BRANDÃO, Marquez de Pombal, 116.



A princesa Isabel da Belgica no Funchal

Sua Alteza acompanhada dos srs. F. de Bianchi, consul d'Italia, dr. C. de Bianchi, consul da Belgica e dr. Leboeuf

Declaração amorosa d'um grammatico:

Senhora: Se ainda não lhe fizeram nenhuma proposição para a conjunção, permita-me que lance esta interjeição: O meu amor! Não posso deixar de manifestar-lhe pelo meu verbo o desejo que o meu pronome tem de ser um seu *adjectivo*, pois no *positivo* lhe declaro que me considero como *comparativo* ou *superlativo* que *concorda* consigo em todos os *modos* e *tempos*.

Espero que não me pense *singular*, ao querer ter um *plural* na minha familia, porque me creio bastante *masculino*, para não ficar *neutro* em presença do *feminino*, que é o melhor *substantivo* do mundo.

Peco-lhe que não *decline* esta *proposição*, e oxalá seja eu a *primeira* pessoa que solicita o seu amor, assegurando-lhe sem *condicional* nem *subjunctivo* que a amo no *imperativo*, até ao *infinito*.



«Monte Palace Hotel» onde esteve hospedada a princesa Isabel da Belgica durante a sua estada no Funchal

A descoberta do polo norte



O explorador Peary

6.º Era o Marquez administrador de vinculos e herdeiro de honras. D'ellas e d'elles não podia dispor livremente: tinha a successão de regular-se pelas respectivas instituições, pois elle não era o dono absoluto.

7.º É tanto é isto verdade, que, confiscados os bens de criminosos por sentenças, os bens vinculados passam ao immediato e legitimo, successor de legitimo matrimonio, e não a outrem.

8.º O actual titulo de marquez não foi dado como verificação de segunda vida, mas como *mercé nova*. Logo não foi reconhecida a legitimação, pelo governo constitucional, de accordo com os decretos da Regencia da Terceira, e pode o legitimo representante do primeiro conde de Amarante requerer a verificação d'este titulo, visto proceder elle de legitimos

matrimonios, e estarem resalvados os direitos de terceiro.

Não voltando mais a tratar d'este assumpto e esperando da lealdade de V. a publicação d'esta carta, sou, com muita estima e consideração:

De V. etc.

BERNARD DA SILVEIRA PINTO DA FONSECA
Representante do 1.º conde de Amarante

O marquez de Pombal e a sua epoca

(Conclusão)

VI

Transcorreu mais um melancolico inverno, renovaram-se as campinas, e pelas vidraças Carvalho via reverdecem as arvores; o verão chegou radioso, enchendo de sol o quarto, onde as alegrias da natureza não encontravam reflexo. Em tamanho tempo o processo fora como que esquecido. Da corte não vinham novas, a preoccupação do enfermo não pôz manter a casa esplendida, que aos seus entendia legar. O punho debil mal garantuava a firma nas recommendações ditadas, para os filhos e procuradores, sobre a administração das propriedades, para o advogado, sempre activo nos interminaveis e complicados pleitos. A espaços, referencias aos negocios publicos, e sobre elles os acerbos juizos do politico no ostracismo.

Subito, no mez de agosto (1781) sahii á luz o affrontoso decreto, declarando Pombal réu e mercedor de um exemplar castigo. A rainha, todavia, lembrando-se mais da clemencia que da justiça, em attenção á idade e ás doenças, e porque o marquez lhe pedira perdão, remittia-lhe as penas corporaes, confirmando porém o desterro, e os direitos que por parte da fazenda real de futuro se proviassem. Dos juizes, cujo laudo serviu de base á decisão, dois tinham sido da confiança intima do marquez: José Ricalde Pereira de Castro e o procurador da corôa, Azeredo Coutinho, ambos da commissão de reforma da Universidade, ambos com o nome vinculado á nefanda sentença, ditada pelo mesmo que agora votavam á deshonra e ao castigo, contra o infeliz Pele, por vagas suspeitas trucidado.

Com a tardia resolução régia, que sómente o infamava, deixando-lhe a curta e miseranda vida, Pombal, já indifferente a tudo que não fosse a dôr physica ou a perda da fortuna, despedido de orgulhos, sem esforço se conformou. Ninguém da familia, ao menos na apparencia, se sentiu aggravaado. Nem o filho, conde de Oeiras, nem o genro, morgado de Oliveira, ambos aulicos, desvolveram, n'um impeto de desafrenta, as chaves de ouro de camaristas. O primogenito, herdeiro do titulo, satisfeito, escrevia: «O ultimo decreto fechou a porta a todos os procedimentos». E o pae, esquecido das miserias do interrogatorio, convicto de que se havia justificado: «Sendo eu ouvido não será facil provar contra mim cousa que me faça carga, porque nada obrei que não fosse debaixo dos ordens de el-rei». Continuava a suppôr-se defendido com a traça que, nem para os juizes, dispostos a condemnar, nem para a posteridade desprevendia, valeu.

Em Lisboa, a lenidade da soberana escandalizava os rancores. Ao mesmo tempo recusava-se a evidente justiça aos manes dos Tavoras, absoldivos

pelo tribunal de revisão. Os ecos da indignação publica, chegando á beira do enfermo, mal o podiam abalar. A clemencia real, lenta a pronunciar-se, talvez na esperança de que se anticiparia a morte á sentença dos homens fora um dom vivo. Alguns mezes mais de martyrio e extinguiu-se-lhe a vida a 8 de março de 1782.

No dia 12 transportou-se o corpo embalsamado á egreja dos Capuchos na villa. Tinha-m-lhe feito autopsia. O coração, que abrigara tantos odios, hypertrophiado, era enorme: o cerebro, onde nasceram as ambições tambem volumoso. A's excepções, com o bispo de Coimbra, antigo reitor, concorram lentes da Universidade, o primeiro como amigo provado, estes em preito á memoria do reformador. Dos logares vizinhos acudiu povo em multidão, atraído pela solemnidade, unica em pompa naquelles redores. Orou o beneditino frei Joaquim de Santa Clara, exaltando as virtudes e merecimentos do morto, e foi transferido para Tibães, em castigo de haver dito d'elle aquillo mesmo que, em outros tempos, tantos apregovavam do vivo. A homenagem posthuma ao homem, que se sumira abysmado em tantos odios, irritou o ministerio e a opinião. O espirito de mesquinha vingança tripudiu ainda sobre o cadaver. A's horas derradeiras responderam ainda libellos; o governo não consentiu que a familia transportasse para o jazigo em Lisboa, na egreja das Mercês, o corpo que ficou por isso em Pombal.

Dos successores nenhum sahii a vindicar-lhe a memoria. Herdavam a casa e o nome, mas, no intimo, renegavam o grande antepassado. A hostilidade aos poderes da Egreja importava tacha indelevel na estirpe nobre, e convinha deixar que o tempo o delisse. Com o sangue dos Carvalhos confundia-se o dos Tavoras e o de José de Seabra, o perfido e infame. O terceiro marquez de Pombal, repellido consorte de Isabel de Sousa, desposara uma filha de Nunô de Tavora, preso nos carceres da Junqueira; uma filha do morgado de Oliveira, conde de Rio Maior, uniu-se depois ao primogenito de Seabra. Transmutara-se tudo, e do passado permanencia vivaz na descendencia sómente o culto do monarcha, dispensador supremo das honras e das graças.

Com os principios a que deveu a sua fama ficaram as cinzas do estadista ao abandono em Pombal. Em 1811, passando os francezes, com a ferocidade de que em toda a parte deixaram vestigios as suas armas, arrombaram o sarcophago, e despojaram o esqueleto. Mão piedosa juntou os ossos e cerrou a lousa novamente.

Tinham-se aquietado as paixões, e sobre o discutido nome pairou silencio de muitos annos. Rompeu-se depois, e Pombal resuscitou



A descoberta do polo norte. — Peary a bordo do «Roosevelt» com alguns dos cães que utilisou na sua viagem ao polo

Tem a maior actualidade as gravuras que publicamos n'esta pagina referentes ao explorador Peary, um veterano das expedições polares.

Foi em 1891, isto é ha vinte e oito annos, que Peary tentou pela primeira vez descobrir o polo, conseguindo fixar o limite septentrional da Goenlandia e descobrindo depois uma ilha, ainda mais ao norte, a que foi dado o nome de Terra de Peary. Em 1906 chegou á latitude de 87 graus e 6 minutos, vencendo assim o record de Nansen em 1895 e de Cagni em 1900.

Presentemente dois exploradores se attribuem a gloria da descoberta do polo norte — Peary e Cook. Sobre elles convergem presentemente as attensões de todo o mundo civilizado.

Jogos floreaes hispano-portuguezes



Grupo de damas que formavam a «Corte do Amor» que acompanhou a infanta Isabel no grande certame ha pouco realizado em Salamanca.

inspirado pelo desejo de não separar-se na morte d'aquelles com quem durante a vida se esteve unido, procedendo o mesmo costume tambem das noções vagas e incertas que os antigos tinham tanto sobre a natureza da alma, como sobre o seu futuro destino, noções que se encontram nos primeiros tempos do mundo.

O capitulo 23 do Genesis prova que já no tempo de Abrahão existiam os sepulchros destinados para toda uma familia; e as ultimas palavras de Jacob exprimem, com uma pathetica simplicidade, a opinião que nos transmitiu aquelle antigo costume, o qual passará certamente aos nossos ultimos descendentes.

Muitos trechos das obras dos historiadores sagrados e profanos provam á evidencia á extrema importancia que se dava a esta cerimonia.

Os gregos e romanos acreditavam que a alma não podia ser feliz e persistir tranquilla, enquanto o corpo estivesse por queimar ou enterrar.

Nos primeiros tempos da Grecia este direito de sepultura para muitas tragedias, e principalmente para a «Antígona» de Sophocles; e os atenienses, que haviam tocado a méta da prosperidade, condemnaram á morte seis generaes vicoriosos, só por serem accusados de deixarem sem sepultura os guerreiros que tinham sido mortos na batalha

na lenda, em toda a grandeza que os lisonjeiros lhe attribuiram durante o poder. Deformado o seu genio, transfigurou-se o tórvo despota em qro pueu da liberdade.

João Lucio.

16 outubro 1781.

Os enterros através dos povos e dos tempos

Parece que o enterramento é o mais antigo modo de dispôr dos restos mortaes dos homens.

O costume de enterrar os parentes em um lugar commum foi certamente

das Arginosaes. O costume de reduzir a cinzas os nossos despojos mortaes, posto que não seja tão antigo como os enterros, data todavia de tempo immemorial; e assim é difficil assignar-lhe uma origem certa. O primeiro facto d'este genero, que se acha entre os judeus, os quaes seguiram pouco a pouco alguns costumes de seus vizinhos, é relativo a Saúl cujo corpo foi primeiramente queimado, e depois sepultado. Ainda hoje se usa o mesmo no Japão, na Tartaria, e em outras partes do Oriente, sendo adoptado modernamente este costume em algumas regiões do norte da Europa.

Os gregos e os romanos tambem adoptaram o costume de queimar os corpos, sem que excluissim inteiramente o simples enterramento. Cicero escreve que Cecrops, vindo do Egypto, introduziu este uso na Grecia, 1583 annos antes da era christã.

Algumas nações barbaras costumam expôr os cadaveres ao ar; os antigos scythas os penduravam sobre as arvores, e ainda hoje os insulares da ilha de Otahti e outros do mar Pacifico mettem os ca-

Exequias na Sé por alma de El-Rei D. Pedro IV



daveres em pequenas cabanas descobertas pelo alto, e d'este modo os entregam á acção da atmosphera.

Os antigos collocavam indifferentemente os seus tumulos nas cidades, nos campos, e até nas estradas publicas. Os sepulchros dos reis de Judá estavam no jardim do palacio que tinham em Jerusalem. O sepulchro que José de Arimathea havia comprado para si, e no qual depositou o corpo do Salvador, tambem estava no seu jardim; o tumulo de Rachel achava-se na estrada que ia de Jerusalem para Bethlem; os reis de Israel sepultavam-se na cidade de Samaria; Samuel e Joab foram depositados em suas proprias casas; Moyses, Aarão, e Eleazar e Josué sobre as montanhas e a prophetisa Debora debaixo de um arvore.

Os gregos e os romanos enterravam quasi sempre os seus mortos fóra dos muros das cidades. Em Roma só se exceptuavam d'esta regra as vestaes e um pequeno numero de familias nobres. Os cemiterios publicos e particulares estavam nos arrabaldes da cidade.

Os turcos costumam pôr os seus junto das estradas, esperando em que os viajantes roguem pelos que acibaram a sua peregrinação.

Nos primitivos tempos da igreja, não se enterravam os christãos nas cidades. Cerca do anno 300 é que se estabeleceram, na Inglaterra, cemiterios ao redor das igrejas, e personagens elevadas alcançaram ser depositadas dentro d'ellas. O papa Gregorio Magno motivou esta tolerancia, dizendo que a vista dos tumulos podia inspirar aos vivos o pensamento de orar pelos mortos.

Duzentos annos depois é que se introduziu o costume de sepultar os mortos nos carneiros e debaixo dos altares.



1 - O cortejo real passando no Largo de Santo Antonio da Sé
2 - El-Rei o Senhor D. Manuel sahindo do templo
3 - Personagens da corte e membros do corpo diplomatico que assistiram á cerimonia
(Citha de J. Benoit).